

Futebol, Camus e a solidão do goleiro*

Acácio Augusto**

Resumo

Ensaio parcialmente apresentado no anti-programa do Nu-Sol (Núcleo de Sociabilidade Libertária) na TV PUC/CNU *ágora, agora*. O futebol segundo os libertários e a singular experiência de Albert Camus na solitária posição de goleiro.

Abstract

Essay partially presented at the Nu-Sol's (Libertarian Nucleus of Sociability) anti-program in the TV PUC/CNU *ágora, agora*. Soccer according to the libertarians and Albert Camus' singular experience in the lonely goal keeper's position.

Futebol é paixão. Quem aprecia esse esporte e gosta de vê-lo, bem jogado, e jogá-lo quando e onde puder, possui um clube do coração desde que nasceu. Não há razão possível. Território do imponderável, ele desfaz e refaz ódios, alegrias, tristezas. Provoca fissuras e surpreendentes aproximações. Desperta estranheza, fúria, revolta. Mas nele, há um saber que irrompe de onde menos se espera. Um saber que, no Brasil, foi aos poucos sufocado e colonizado, lentamente, por comissões técnicas militarizadas nas décadas de 1960 e 1970, e hoje, no planeta, encontra-se nas mãos de cartolas¹, empresários e dirigentes que aplicam ao chamado “mundo do futebol” as teorias do capital humano e as alegrias do marketing transterritorial. Esses empresários

* Parte desse texto foi apresentado no programa *ágora, agora* — conversação temática do nu-sol veiculada na tv-puc-sp/cnu e na tv-nu-sol da web (www.nu-sol.org), no primeiro programa com o tema *futebol e liberdade*.

** Pesquisador no Nu-Sol, mestrando em Ciências Sociais no Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais da PUC-SP e bolsista CNPq.

¹As palavras resultam de lutas passadas e presentes. Desta maneira, cada lugar, região ou grupo social possui suas palavras, expressões e gírias. Contra uma conservadora investida globalizante em padronizar a língua, utilizo no texto palavras, gírias e expressões próprias ao vocabulário futebolístico brasileiro, que de qualquer forma são, em alguns casos, derivações de palavras vindas do inglês, língua de quem apropriamos também o esporte. Nesse sentido, uso *cartola*, que designa os dirigentes vitalícios que formam a aristocracia dos clubes. Com dantes usei *goleiro*, ao invés de *guarda-metas*.

dispõem dos corpos e da imagem de ignorantes e assujeitados jogadores, tão descartáveis quanto um copo plástico. Nessa *inhaca*² que se tornou o futebol no Brasil e no planeta, torcedores não vibram por seus times, fazem do momento magnífico da partida uma oportunidade, como outra qualquer, para dar vazão ao seu fascismo, escondidos em meio à covardia da massa.

Mas a paixão é incontível e irreduzível, não se confunde e não se deixar levar pelo geral; é pessoal. Mesmo diante de tanta sacanagem, de tanta picaretagem. Mesmo diante de esquemas táticos para os quais o gol é um detalhe, de técnicos milicos (Carlos Alberto Parreira), admiradores do Pinochet (Luis Felipe Scolari, o Felipão), empresários mercadores de pessoas/jogadores (Vanderlei Luxemburgo), todos chamados de professores por serviços jogadores e jornalistas *puxa-sacos*³. Mesmo diante de tudo isso, a paixão pessoal pelo futebol segue sendo intransferível, não é passível de captura, é de cada um. Impossível diluí-la na massa. Só um torcedor apaixonado sabe o quanto de alegria e tristeza seu clube do coração é capaz de lhe causar.

Por futebol ser paixão, os sisudos intelectuais e os militantes de esquerda o condenam como mera diversão, ópio do povo, distração midiática. Talvez não saibam — ou queiram esconder — das coisas que fazem bater forte o coração. Albert Camus, inimigo de primeira hora dessa esquerda engessada e autoritária, foi amante do futebol. Cunhou a bela e incomparável frase sobre o esporte mais popular do mundo: “futebol é inteligência em movimento”.

Camus, menino pobre de Argel, que conheceu o libertarismo pelas mãos e livros de seu tio açougueiro, antes de se tornar o autor respeitado e lido em todo mundo, ganhador do Nobel e o opositor aguerrido, do antes amigo, Jean-Paul Sartre — para quem a rebeldia e o transtorno de *O homem revoltado* fora insuportável — apaixonou-se pela arte da bola. Gostava de jogar, gostava de torcer. Foi goleiro, posição

² *Inhaca* é uma gíria usada para descrever um jogo ruim, mal parado onde nada acontece e onde só tem *perna-de-pau*, aliás, esta é uma expressão pejorativa para chamar um jogador sem habilidade com a bola.

³ O mesmo que bajulador.

ingrata que defendeu quando criança em Argel e depois, já estudante, na França.

Quando escreveu a frase acima citada, não pensou em goleiros. Cismo que tenha imaginado os grandes meias que assistiu. Sinceramente, mesmo que isso não corresponda à verdade, sei que ele escreveu essa frase para o Pelé⁴; inventar histórias é próprio de quem é apaixonado por futebol. Como um goleiro que foi, possuía uma visão privilegiada do jogo e podia dizer isso com a autoridade e clareza proporcionadas por esta solitária posição no campo de futebol.

Existe um velho ditado que diz: goleiro não pode falhar. Dizem, também, ser uma posição tão ingrata que onde pisa não nasce grama. No entanto, quem foi arqueiro, sabe que é mesmo uma posição solitária, de uma solidão compartilhada com os múltiplos que a posição te proporciona. No gol, você é meio torcedor meio técnico, orienta a defesa e acompanha o ataque; mas, quando você é solicitado, o mínimo que se espera é que seja infalível. Não há espaço para recuos, vacilos ou medos.

Uma posição de isolamento e distanciamento. Na rua, sempre vai para o gol o menos habilidoso com a bola nos pés. No caso de Camus, autor de um dos mais belos livros do século 20, *O homem revoltado*, era uma escolha que poupava os seus sapatos e o poupava das broncas de sua avó em casa, por ter descuidado de seus calçados.

O gol é de onde se vê um jogo que ninguém vê. Aonde se vai do heroísmo ao fracasso em minutos, talvez segundos. Para Camus a experiência como goleiro lhe ensinou sobre a vida, aprendeu “que a bola nunca vem para a gente por onde se espera que venha.” Como ocorre nas grandes cidades, ele dirá. Poderia acrescentar: como a morte diante da vida, onde não se sabe como ela virá, mas se tem a certeza que virá.

⁴ Um amigo anarquista como eu, palmeirense como eu e louco (também por futebol) como eu, lembra que talvez Camus ao escrever tenha pensado em Ferenc Puskas, atacante que nasceu em Budapeste e jogou a Copa do Mundo de 1954 pela Hungria e a de 1962 pela Espanha. Pode ser. Essa frase pode se aplicar a outros jogadores, mas como disse *cismeí* que ela é do Pelé, talvez, também, do Mané Garrincha, o “anjo das pernas tortas”.

De trem ou de carro, partimos sozinhos, como jogam os goleiros. Num salto.

Nascemos sozinhos e morremos sozinhos. Nesse percurso, podemos livremente nos associar, formar um bando, um time, uma malta. Há quem diga que a solidão é o fim, que ela é negativa, má. De fato, ela pode ser para quem assim a encara. Mas para quem foi goleiro, um solitário entre os dez em campo, não é difícil descobrir que ela é também loucura e liberdade.